

Discurso do paranympho aos Bachareis de 1926

*Sr. Director, Doutos Colegas, minhas senhoras,
meus senhores, meus queridos amigos*

Eu quizera dar-vos hoje, aqui, toda a minha alegria, todo o meu entusiasmo, todo o meu riso acolhedor de nossas caras afeições; mas o espirito anuviado pelo luto que me punge a alma permite-me apenas dar-vos a minha fé—na segurança de meu affecto sincero a cada um de vós, no desvanecimento com que recebi a fidalguia de vosso gesto conferindo-me o paraninfado desta solenidade, no fervor com que vos desejo vida feliz.

Viestes quase ao encontro dos meus desejos.

Os vossos sufragios unanimes, perpetuando a velha tradição, sagraram-me, neste acto solene, representante dos doutos mestres desta Casa para responder ao vosso discurso de laurea, honra tanto maior para mim quanto é notorio que qualquer deles teria riqueza maior de oiro e de preciosas pedrarias para realce melhor do mandato tradicional.

Anelava eu, de facto, a vossa simpatia porque sei que

ela só nasce pura e limpida de corações ungidos pelo mesmo ideal, dessa amizade que o ensino gera e fortalece e prolonga através dos tempos, na dedicação recíproca, no respeito mútuo, tal o convívio intelectual que pudemos sempre manter em o nosso curso do ano extinto—cujos processos didacticos mereceram de vós a generosa oferta desta divina magnífica.

Viestes assim, de facto, ao encontro dos meus desejos e não sei como vol-o agradecer.

* * *

Chegastes enfim ao termo da vossa vida académica e a laurea que acabastes de receber encerra as credenciaes com que tendes de apresentar-vos na vida pública. Escolhestes uma carreira nobilíssima e a vossa honra de cidadãos e de patriotas está doravante empenhada na guarda dos nossos mais altos ideas de Justiça.

Estão á vossa espera os elevados postos de comando no fóro, no ensino, na politica, no parlamento e na administração da Republica.

Entretanto, chegastes apenas ao limiar da vida e a luta não cessou. Aprendestes somente a preparar-a para vencer. Ha no vosso cerebro de jovens uma multidão de células virgens aguardando as novas aquisições que as impressões do mundo exterior lhes irão transmittir. E é preciso que os arquivos da vossa vida mental não se vão enriquecer senão daquelas imagens e representações que vos assegurem uma conducta normal e bem dirigida de modo a que cada um de vós possa ser util a si proprio, á familia e a colectividade, nos dominios da moral e da razão.

Tereis, lá fora, ainda de estudar e de aperfeiçoar vossos conhecimentos; os que mais têm são os que melhor sabem quanto ainda é mister saber. Tivestes na vossa jornada excellentes amigos—os livros, de que nunca vos deveis separar. O momento brasileiro é, como vêdes, de pacificação dos espiritos e, sobretudo, de trabalho reconstrutor; cabe-vos larga parte nessa tarefa ingente e não vos podeis furtar á cola-

boração eficaz, mas nenhuma eficiencia tereis na luta se não vos abroquelardes com a couraça da cultura intelectual e do character bem orientado.

Na contingencia da vida os factos do meio ambiente que vão á nossa consciencia, despertam sempre um sentimento intimo de alegria ou de tristeza ou ainda de indiferença. E' essa reacção conductora de nossos actos e de nossas palavras um dos factores mais interessantes da nossa vida mental e é justamente a ela que se subordinam ás manifestações do dominio voluntario.

Os factos arquivados na mentalidade aparecem na consciencia e manifestam-se nos actos da vida despertando duas sortes de reflexos—um no dominio intelectual que é o proprio acto consciente, outro nas disposições de humor, pela propria natureza do acto que se acompanha de uma emoção dada de interesse ou de desinteresse ou ainda de apatia. Não raro a luta se estabelece na consciencia sobre uma só e mesma cousa—o sentimento aprova o que a razão condena e da preponderancia de um resulta a manifestação do acto voluntario.

Tanto mais inteligente é o homem quanto melhor pode orientar suas manifestações pessoaes pelas deduições da Razão. De facto, nas acções as mais elementares da vida, as sensações agradaveis ou desagradaveis são acompanhadas da percepção consciente do util ou inutil, do justo ou injusto, do sensato ou desarrasado. Mas as sensações emotivas disem respeito exclusiyamente ao nosso *eu* e são o repositorio ancestral do egoismo remoto—manifestação fundamental do nosso senso cenestesico.

Mas o homem isolado é uma ficção e por isso vêm á tona, gradualmente, os interesses da familia, dos amigos, da sociedade, do Estado emfim, e—melhor ainda—de toda a humanidade, na mais esplendida revelação do senso etico que domina os homens na civilisação moderna.

Domina os homens mas ainda não domina as nações. Ha por aí uma soberania nacional de pele irritadiça que age quasi sempre por solicitações de sua cenestesia selvagem; é que a

soberania é as vezes função das colectiviçades e as colecti-vidades não pensam, não raciocinam. Vomitam pronuncia-mentos patrióticos ou insurgindo-se contra o meio interno dominante, vomitam revoluções.

Evitemos essas calamidades, cultivando o character no re-freiar das paixões que ferem a razão, porque sendo a vontade sempre resultante da concorrência—de acordo ou em con-flito, das duas forças mentaes—razão e sentimento ou emo-ção—mais sensatos, nobres, sociaes, altruisticos, normaes se-rão o nosso pensamento e os actos decorrentes da nossa von-tade, orientada esta pelo dominio superior da Razão.

— — —

E aí está a estrada larga que podereis percorrer: nem plana, nem deserta. Tereis sempre de subir, evitando com lealdade colidir com os outros. E como nada é absoluto no mundo, deveis restringir os vossos anseios de liberdade e de felicidade aos seus justos limites.

A liberdade é realmente uma das mais belas conquistas da humanidade; entretanto, não lhe deveis esquecer as fron-teiras. Na ordem social ela não deve ultrapassar o limiar do legitimo direito de outrem.

A felicidade não tem misterios nem é sonho de Icaro, é, ao contrario, Bem terreno de facil aquisição. Afastai de vós as ambições desarrasoadas que geram sempre desasossegos e dissabores. Sêde persistentes no trabalho, certos de que as recompensas não são precoces e que a fortuna e o bem estar só se solidificam depois dos quarenta anos. Lembro-vos que o homem mais feliz do mundo não tinha camisa.

E agora vou despedir-me de vós repetindo-vos algumas palavras que aquí mesmo vos dirigí ha um ano, a proposito do sofrimento dos nossos patricios rebeldes, “jovens e sin-ceros como vós, mas acorrentados a um ideal ficticio, nascido de falsas e tendenciosas interpretações”.

“Que vos fique o exemplo, a vós, para que vossa impavidez não vos arraste a estereis emprezas; para que vossa pureza de alma nãe se deixe macular pela infiltração insolita e sorradeira do palavrorio dos motins; para que vossa fronte erguida não possa ver senão os altos ideaes de moral e civismo da Republica que são o trabalho, a disciplina a obediencia ás leis e aos poderes constituidos da Nação.

Ide e sede felizes.

Desº. 26.

Edgar Altino de Araujo